

Não há sinais de manutenção do crescimento econômico

LÉA CRISTINA

Não há qualquer sinal de que a recuperação econômica que se verifica este ano represente o início de um novo ciclo de crescimento. Pelo contrário. Os analistas consideram boas as estimativas que mostram que o Produto Interno Bruto (PIB) — soma de todos os bens e serviços produzidos no país — deverá crescer em torno de 3%. Mas alertam que não há indícios de que esta recuperação venha a se sustentar. E que nem poderia vingar, sem ajuste fiscal e estabilidade econômica.

O chefe do Grupo de Acompanhamento Conjuntural (GAC) do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), Cláudio Considersa, nem chegou a ficar surpreso com a queda de 1,3% no nível da produção industrial de março para abril: já esperava uma certa desaceleração no segundo trimestre, que entretanto, diz, será compensada no terceiro e quarto trimestres, permitindo que 1993 feche positivo. O problema é que falta a estabilidade necessária a qualquer salto mais ousado da economia brasileira.

Os números enganam um pouco. Pode encher os olhos de muitos o aumento de 22% nos pedidos de financiamento feitos ao Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) de janeiro a maio deste

Os cenários para 1993

	Indicadores		Antecedentes	Em 1992
	Corecon	IPEA		
Inflação			1.700,0%	1.149,0%
PIB	2,9%	3,5%	3,0%	-0,9%
Produção industrial	3,4%	5,4%	3,8%	-4,7%
Taxa de investimento	5,7%			15,2%
Taxa de desemprego	6,6%		6,1%	5,7%
Saldo comercial (US\$ bi)		14,5%	17,9%	15,5%

De agosto, anualizada

ano, comparado ao mesmo período de 1992. E mais ainda — segundo dados da Secretaria de Comércio Exterior — é um alento o crescimento de 26% acumulado até abril pelas importações de bens de capital (máquinas que produzem outros bens e que são um bom indicativo de retomada de investimentos).

Acontece que, esclarece o chefe do Departamento Econômico do BNDES, Francisco Marcelo da Rocha Ferreira, tanto a importação de bens de capitais, quanto os pedidos de financiamento que chegam ao banco, são relativos a aquisição de equipamentos para substituição nas fábricas já implantadas. E não dizem respeito a novos projetos:

— Estes números são muito bons. Mostram que a produção está reagindo bem à abertura da economia. Mas são para projetos de ciclo curto. Nada de ciclo longo. Sem estabilidade os investi-

mentos não se sustentam. Não há qualquer indicio de que haverá mudança significativa na taxa de investimento que está um pouco acima de 15% — afirma o técnico do BNDES.

O economista Cláudio Contador, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), um dos responsáveis pela elaboração das previsões dos “Indicadores Antecedentes”, até estima que a taxa de investimento no país subirá este ano para algo próximo a 16%. Mas isso ainda é pouco, admite o economista. Para ele e para o diretor da empresa de consultoria Price Waterhouse, Célio Lora, os investimentos teriam quase que dobrar para se ter uma real retomada de crescimento na economia. E mesmo se as empresas resolvessem pensar em investir em dobro, ainda assim faltaria infra-estrutura ao país.

Editoria de Arte